



**XVIII ENANPUR**  
NATAL 2019  
27 a 31 maio

## **A PRESENÇA NEGRA NOS SUBÚRBIOS CARIOCAS: Samba, jongo, funk e charme em Madureira**

### **Autores:**

Sergio Moraes Rego Barão da Torre - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - [sfagerlande@gmail.com](mailto:sfagerlande@gmail.com)

Victória Aparecida Maia Sarmento - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - [visarmento33@gmail.com](mailto:visarmento33@gmail.com)

Carolina Goés Fernandes da Silva - [carolinagfs98@gmail.com](mailto:carolinagfs98@gmail.com)

Felipe Santana Barroso - [felipebarroso.br@gmail.com](mailto:felipebarroso.br@gmail.com)

### **Resumo:**

Através de manifestações musicais e sua espacialização esse artigo busca trazer um olhar sobre a presença negra na cultura dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, que em Madureira encontra um de seus maiores exemplos, onde essas manifestações se apropriam de espaços públicos e privados. São lugares destinados ao uso específico das atividades musicais, como as quadras de escolas de samba, e também locais como a Casa do Jongo da Serrinha, espaço de cultura e identidade, além de áreas públicas como embaixo do Viaduto de Madureira, apropriados não somente pelo funk, charme e passinho, mas aonde também vem sendo realizadas rodas do jongo. O samba, além dos quintais das "tias", também se espalha pelo bairro e adjacências, ocupando o palco do Parque de Madureira, grande espaço público do espetáculo, em que grandes eventos reforçam essa identidade do bairro. O trem do samba, evento anual que sai da Central do Brasil e chega a Oswaldo Cruz, bairro da Grande Madureira, é outro exemplo que extrapola ainda mais os bairros, como outro exemplo dessas apropriações urbanas pela música e cultura negra na região e na cidade.

## A PRESENÇA NEGRA NOS SUBÚRBIOS CARIOCAS:

Samba, jongo, funk e charme em Madureira

### INTRODUÇÃO

Esse artigo propõe estudar a espacialização das manifestações musicais de origem afro brasileira nos subúrbios cariocas, apresentando o caso de Madureira, aonde são encontrados alguns dos maiores exemplos da herança cultural negra presentes na cidade. A partir do estudo da situação do samba, jongo, funk, charme e passinho pode se verificar como essas manifestações musicais e culturais vêm sendo apropriadas na cidade, sua relação com os espaços públicos e privados, e como o uso de espaços tão diversos como os antigos quintais do bairro, as quadras das escolas de samba, a Casa do Jongo, o Parque de Madureira, o viaduto de Madureira e mesmo o trem que sai da Central do Brasil e chega a Oswaldo Cruz, na área da Grande Madureira<sup>1</sup> podem ser entendidos como parte dessa apropriação urbana por essas expressões musicais e culturais.

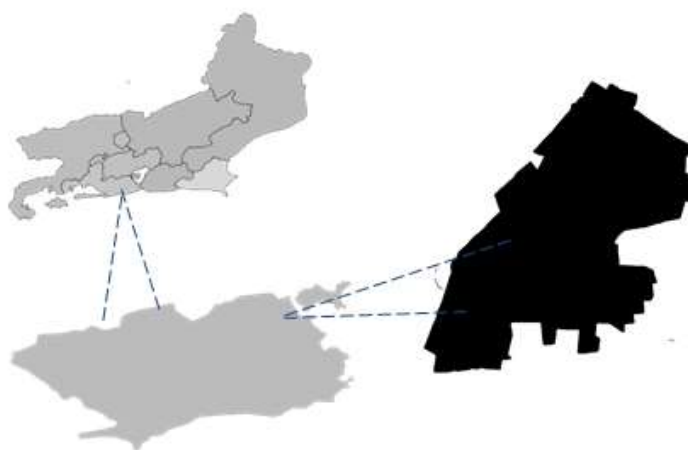


Figura 1: Localização de Madureira no Rio de Janeiro  
Fonte: LAURBAM, 2018

<sup>1</sup> O termo Grande Madureira aparece em diversos autores que trabalham os subúrbios, como Santos (2016), no livro Nos quintais do samba da Grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e hoje.

Madureira é um dos mais importantes bairros dos subúrbios cariocas, localizado na XV RA, que faz parte da AP3, Área de Planejamento 3, que abrange a chamada zona norte. Diversos bairros compõem essa Região Administrativa<sup>2</sup>, que é parte do que se denomina popularmente como subúrbios da cidade do Rio de Janeiro.

No século XVIII, a região onde hoje fica o bairro de Madureira era chamada de “Sertão Carioca” (CORRÊA, 2017). Localizado originalmente em terras que pertenciam à Freguesia de Irajá, nessa região rural entre o porto fluvial de Irajá e a Baixada de Jacarepaguá se encontrava a Fazenda do Campinho, área entre a Fazenda do Engenho de Fora, as terras do Engenho do Portela e as terras arrendadas a Lourenço Madureira, que acabou dando nome ao bairro (DUARTE, 2005; LOPES, 2012).

Com a expansão da cidade a partir do século XIX deixa de ser usado o termo sertão e passa a ser comum chamar essas áreas de subúrbios. A ideia de subúrbio vem inicialmente do que se denominavam arrabaldes da cidade, ou seja, das áreas que não faziam parte da cidade, que até o início do século XIX se limitava à atual área central histórica da cidade (EL-KAREH, 2010). Com a expansão urbana no século XIX e XX a cidade foi incorporando antigas áreas rurais, e no século XX surgiu a ideia de que os subúrbios eram os bairros situados na zona norte da cidade, menos valorizados, e os bairros litorâneos da zona sul foram sendo mais valorizados e passaram a receber cada vez maiores investimentos urbanos (ABREU, 2006).

Esses bairros suburbanos foram surgindo inicialmente a partir da ocupação por engenhos e fazendas, ainda nos séculos XVII e XVIII, nos caminhos que levavam a cidade do Rio de Janeiro em direção aos sertões e à fazenda dos jesuítas em Santa Cruz, mais tarde Real Fazenda de Santa Cruz (CAVALCANTI, 2004). A ocupação dessas áreas de antigos engenhos foi se consolidando a partir da chegada do trem, com a construção a partir de 1858 da Estrada de Ferro Central do Brasil e sua expansão para essas áreas antes rurais e que foram se transformando em moradia dos trabalhadores, com sua saída das áreas centrais, valorizadas especialmente após o período Pereira Passos (ABREU, 2006).

O bairro, antes um pequeno arraial, foi se formando com a chegada do trem, e a estação ferroviária de Madureira tomou esse nome a partir de 1893, ajudando a consolidar o nome do bairro (DUARTE, 2005). A outra estação, inicialmente chamada de Magno, inaugurada em 1914, mais tarde passou a ser chamada de Mercadão de Madureira, por conta dessa importante centro de compras. Essa ocupação trouxe não somente novos moradores e trabalhadores, mas foi parte de um processo de construção de uma cultura própria nessas áreas.

No decorrer do século XX, houve mudanças importantes na estrutura do bairro. Em 1905 foi criada uma rede de bondes à tração animal, que começaram a ser substituídos por bondes elétricos a partir de 1928. Já em 1960, o Viaduto Negrão de Lima foi construído,

---

<sup>2</sup> Bento Ribeiro, Campinho, Cascadura, Engenheiro Leal Honório Gurgel, Madureira, Marechal Hermes, Oswaldo Cruz, Quintino Bocaiuva, Rocha Miranda, Turiaçú e Vaz Lobo fazem parte da XV RA, compondo assim a área de influência mais forte de Madureira. A população dessa Região Administrativa é em torno de 375.000 habitantes ( <http://portalgeo.rio.rj.gov.br>, 2016)

dentro de um perfil de mudanças ligadas ao rodoviarismo como novo modelo para os transportes. o que acarretaria a extinção dos bondes em 1964 (DUARTE, 2005).

De localização central e de encontro de duas linhas de trem, de ônibus e BRT, Madureira se interliga a vários bairros da zona norte, zona oeste e da baixada fluminense. Possui uma grande variedade de estabelecimentos comerciais e de serviços, sendo importante centralidade da região suburbana.

Esse artigo busca lançar um olhar sobre um conjunto de exemplos de manifestações culturais relacionadas à música de origem negra, e que vem há muito tempo contribuindo para o que se considera a imagem dos subúrbios e da própria cidade. Se por um lado temos ainda o jongo na Serrinha, e a nova Casa do Jongo naquela comunidade, trazendo um alento para uma antiga manifestação musical pouco conhecida, e que foi preservada naquele morro de Madureira, outras formas musicais tornaram-se praticamente hegemônicas, como o samba. Além da presença de antigos quintais onde sempre aconteceram as rodas de samba das “tias” do bairro de Madureira e do vizinho Oswaldo Cruz, essa região abriga duas das mais tradicionais escolas da cidade, a Portela e o Império Serrano. Mas não são somente essas formas musicais estão presentes na região. O viaduto local tem sido um importante ponto de encontros e onde se realizam bailes de charme, funk e hip-hop, mais recentes no cenário musical mas com grande popularidade e que especialmente no caso do funk carioca, vem se popularizando de maneira contundente, sendo representativo dos grupos mais jovens de grande parte das periferias cariocas, entre bairros formais e áreas informais, como as favelas. O passinho derivado do funk também vem se firmando como um novo exemplo dessa criatividade das ruas, que mesmo vindo de raízes norte americanas foi apropriado pela cultura popular local.

Todas essas manifestações musicais vêm encontrando lugar para se expressarem em espaços tradicionais e novos locais, como o Parque de Madureira e mesmo o trem do samba, além dos quintais, bares e as ruas e praças, trazendo grande vitalidade cultural a uma grande área suburbana, a grande Madureira, em que ao lado de sua pujança comercial apresenta-se um forte viés cultural com apelo inclusive turístico.

O trabalho de pesquisa vem sendo realizado em consultas à bibliografia existente, a sites e outras fontes como redes sociais, Facebook, e a observação do lugar. Autores como Cabral (2011), Lopes (2012) nos mostram a relação entre a música negra e a história dos subúrbios, que nos é mostrada também por autores como El-Kareh (2010) e Abreu (2006), importantes para se entender a formação do bairro e de sua população. Autores como Castro (2016), Cid (2016) e Gonçalves (2016) nos mostram como as memórias musicais são importantes para a formação da identidade local, trazendo o que fala Le Goff (2003) sobre a importante relação entre memória e história para entendermos a atualidade.

A constatação de que existem grupos organizados que promovem visitas relacionadas às atividades locais, como o Guiadas Urbanas (VISIT.RIO MAGAZINE, 2017), o Rolé Carioca (ROLÉ CARIOCA, 2017) e outras agências locais mostram um novo potencial de olhar sobre a cultura negra da cidade, possibilitando um resgate e um conhecimento maior da cidade por visitantes e pelos seus próprios moradores, e uma valorização das raízes

brasileiras, trazendo o subúrbios para um protagonismo, mesmo que ainda tímido, mas rompendo barreiras que a exclusão cultural e socio espacial insistem em manter.

## A PRESENÇA NEGRA: MÚSICA, DANÇAS E CULTURA ANCESTRAL E CONTEMPORÂNEA

O Rio de Janeiro tem uma clara divisão na cidade entre o centro e as zonas sul e norte, tanto geograficamente como na maneira que o poder público sempre lidou com investimentos nessas áreas. Se a zona sul e o centro sempre foram o espaço do poder e das elites, concentrando equipamentos culturais de peso, a cidade turística sempre foi considerada como sua porção junto ao litoral, e a cidade maravilhosa nunca considerou mostrar para o mundo algo além de suas praias, museus e casas de cultura localizadas onde esses investimentos sempre se concentraram (PERROTTA, 2015).

Se por um lado a cidade tem grandes eventos como a grande festa do Réveillon e o carnaval, a primeira, que se iniciou com a presença do culto afro na praia de Copacabana, com o passar do tempo afastou essa grande festa religiosa e a transformou numa festa pagã, em que a tradição de Iemanjá passou a estar presente somente nas roupas brancas, com os terreiros afastados, expulsos dessa comemoração.

Com o samba o processo parece ter sido semelhante. Se por muito tempo foi um gênero musical perseguido, sua apropriação pelas classes dominantes e pelo grande comércio da cidade, com o turismo e a venda da imagem do Brasil associada durante muito tempo pelos desfiles das escolas de samba, o Sambódromo passou a representar a festa, e mais recentemente a construção de uma Cidade do Samba, na área portuária colaborou para afastar ainda mais as agremiações de suas áreas de raiz, bairros em geral suburbanos, em que os moradores se reuniam para essas festas, sem a organização das escolas S.A, como dizia um famoso samba. Cabral fala que falar da história das escolas de samba é contar a história de um povo.

De um povo de esmagadora maioria negra, vítima de injustiças seculares, criador de uma cultura que enfrentaria todas as formas de preconceitos das classes dominantes (CABRAL, 2011, p. 6).

Cabral (2011) busca as raízes da palavra samba que segundo ele aparece registrada pela primeira vez em uma revista pernambucana em 1838, explicando que a definição encontrada fala de vários tipos de música e de dança dos negros escravos no Brasil. Por essa descrição Cabral fala que Edison Carneiro considera que a “área nacional do samba” poderia ser considerada do Maranhão a São Paulo. Cabral (2011) ainda cita o jongo nesse conjunto de expressões musicais que poderiam na época ser consideradas como samba.

Se o samba nasce na Bahia ou na região da Praça Onze não se tem certeza, mas Luiz Antonio Simas<sup>3</sup> diz que o samba carioca nasceu no Rio de Janeiro e o samba baiano nasceu na Bahia. Dessa maneira no Rio de Janeiro o samba nasce ou se desenvolve entre o Valongo

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada em 2018 pelo autor.

e Pedra do Sal, a Praça Onze e suas tias baianas e o morro de São Carlos. (CABRAL, 2011) Mas com a expansão da cidade o samba segue o trem, passando pelo morro da Mangueira e chegando a Madureira, Oswaldo Cruz e adjacências. Nessa época a Festa da Penha era um dos importantes locais do samba (CABRAL, 2011). Além da abolição da escravatura, a decadência da agricultura de regiões como o Vale do Paraíba, no interior do estado do Rio de Janeiro, no final do século XIX contribuiu para que a população negra do Rio de Janeiro aumentasse significativamente, e a chegada do trem aos subúrbios facilitou a fixação de muitos nos morros da região de Madureira, como a Serrinha e a Serra dos Pretos Forros (LOPES, 2012; BENCHIMOL, 1992), além de fatos como o regresso de soldados de Canudos, historicamente considerado como fator fundamental para o surgimento das favelas cariocas, mesmo se considerarmos que elas já se iniciavam em outros morros como o de Santo Antônio (VALLADARES, 2005).

Se a primeira escola de samba, a Deixa Falar, criada em 1928 surgiu no Estácio (CABRAL, 2011) naqueles tempos os ranchos ainda eram mais importantes, sendo aos poucos transformados nas escolas de samba. O desfile das escolas de samba surge em 1932, tornando-se logo um sucesso, e possibilitando a exposição de compositores que surgiam nem comunidades como Mangueira, Salgueiro, Oswaldo Cruz<sup>4</sup>, Morro da Favela, Morro da Formiga, Zona da Leopoldina e outras, mostrando a capilaridade que o processo já alcançava (CABRAL, 2011).

Castro (2016) fala da importância dos moradores para que a coesão social dessa região se mantivesse, em especial através dos festejos.

As festas até os dias de hoje tem um elemento fortíssimo de coesão social nessa região. Ao longo do tempo, várias residências se tornaram ponto de encontro da comunidade, quase sempre por motivação artística ou religiosa. O binômio festa-religião articulava a vida social do grupo, e é quase impossível separar um do outro. As celebrações religiosas em geral, tal como aconteciam nos terreiros de candomblé, eram locais de folguedos constantes (CASTRO, 2016, p. 43).

Essas festas, que de acordo com Castro (2016) aconteciam nos quintais das residências das “tias”, ainda estão presentes nas rodas de samba e feijoadas, como da tia Doca, já falecida, e de Tia Surica. A citação a essa famosa personagem da Portela se relaciona com suas atividades da escola, onde sua feijoada é um evento famoso, que não somente mantém essa tradição, mas funciona como geração de renda para seus participantes. Atualmente essas feijoadas assumiram também um caráter de grande evento comercial, e a feijoada da Tia Surica passou a ser realizada em outros locais, como o Teatro Rival, e restaurantes na áreas portuária.

Mesmo com essa dispersão dos eventos comerciais ligados ao samba, as escolas de samba ainda sobrevivem nos subúrbios, e hoje em dia o bairro de Madureira tem a presença

---

<sup>4</sup> A Portela foi criada em 1923 a partir do bloco carnavalesco Vai como Pode (LOPES, 2012). Hoje em dia sendo considerada situada em Madureira, na realidade está em Oswaldo Cruz, bairro que pode ser considerado parte da Grande Madureira.

de duas dessas escolas de samba como um de seus elementos mais importantes, formador de uma imagem de bairro musical, com a Portela e o Império Serrano<sup>5</sup> ali presentes, com quadras onde essas comunidades se encontram, se divertem e competem, levando o samba para a avenida. Se os galpões das escolas não se localizam mais junto às comunidades nos morros, as quadras continuam sendo espaços de destaque junto aos moradores do bairro e desses morros que circundam Madureira, fornecendo a matéria prima de talento para que duas das mais tradicionais escolas continuem a serem consideradas importantes em um carnaval cada vez mais espetacularizado da cidade.

Cid (2016) traz um olhar semelhante ao de Castro (2016), mostrando como os subúrbios preservam esses lugares de memória da cultura popular, com os relatos das antigas moradoras, como também ocorre no Morro da Serrinha, com Vovó Maria Joana, ajuda a preservar para os novos as antigas tradições orais, e como ali o jongo a ser transmitido e valorizado a partir desse movimento.

Antes do samba outras formas musicais como o jongo também se desenvolveram em áreas fluminenses, muitas vezes em locais como o Vale do Paraíba, onde a presença de escravos contribuiu para a manutenção de antigas tradições trazidas da África e novas, nessa miscelânea cultural brasileira. O morro da Serrinha na área de Madureira acabou por abrigar o jongo, que ali conseguiu ser preservado de maneira viva, com as danças e batidas sendo vivenciadas pelos antigos e pelos mais novos. De acordo com Lopes (2012, p. 205), o jongo é

“um ritmo afro-brasileiro, considerado um dos ancestrais do samba, e que é praticado em rodas de dança e de umbigada, uma dança de origem afro-brasileira, criada em meados do século XIX.

Se a música sempre foi uma das maneiras como a cultura negra se manteve presente, novas formas musicais foram surgindo, como o charme, o funk e o hip-hop. Derivados da cultura de rua norte americana tiveram no subúrbio carioca uma forte apropriação, sendo transformados em cultura local. Ao falar do charme, Lopes (2012) fala que esse estilo de baile popular surgiu no começo da década de 1980 “em meio à juventude negra e de classe média baixa dos subúrbios” (LOPES, 2012, p. 92) com eventos em clubes de Madureira e Méier. Com relação ao funk carioca, Lopes (2012) fala que teve seu surgimento nas favelas, a partir dos anos 1990, e que muitas vezes se relacionava com letras agressivas e com situações transgressoras, como a pornografia e o tráfico de drogas.

A espacialização desses gêneros musicais, inicialmente em bailes, vem extrapolando essa situação com a apropriação de áreas como o Viaduto de Madureira. O baile do viaduto de Madureira, oficialmente chamado de Viaduto Negrão de Lima, se tornou um símbolo desses estilos musicais, com suas danças e derivações, como o passinho, que atrai os jovens com grande criatividade e vitalidade.

A realização de oficinas e a apresentação de grupos locais reforça a ideia de pertencimento, construção de uma identidade forte em torno de uma manifestação musical

---

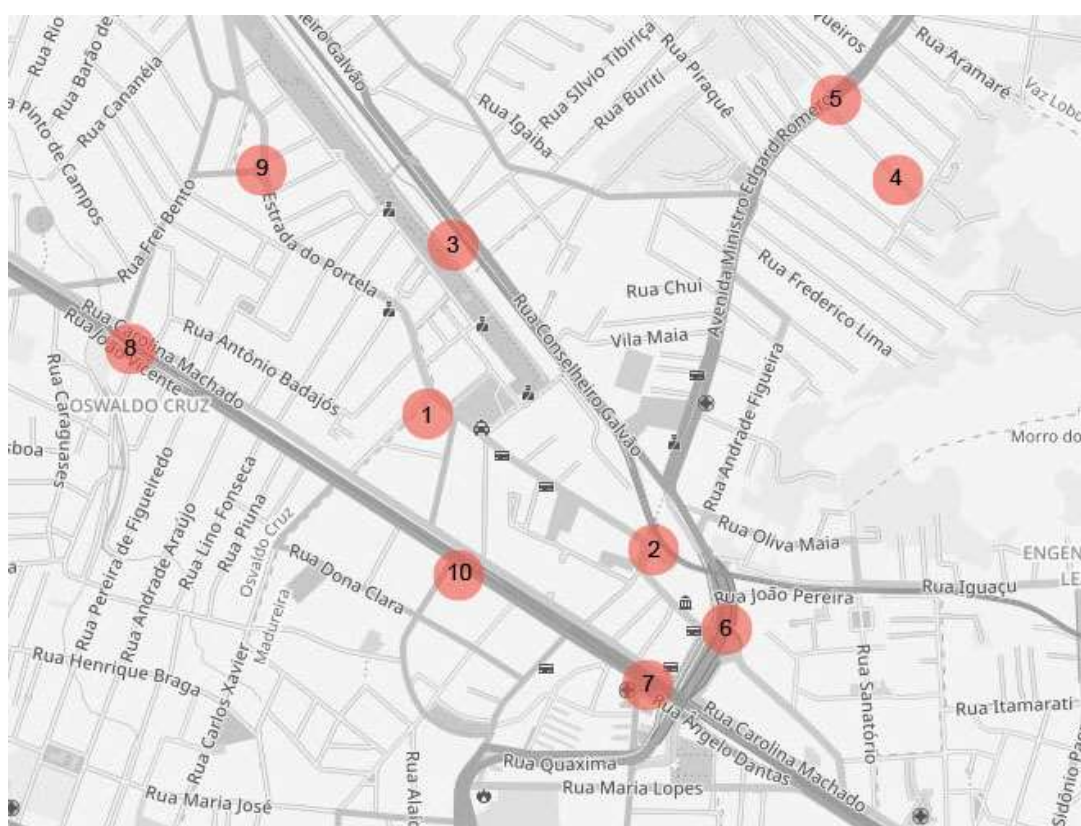
<sup>5</sup> Se a Portela está situada em Oswaldo Cruz, o Império Serrano surgiu no Morro da Serrinha, divisa de Madureira e Vaz Lobo, em 1947 (LOPES, 2012).



e cultural, que envolve a forma de se vestir, de fazer penteados afros e toda uma posição frente ao mundo muito própria.

## O PÚBLICO E O PRIVADO NO SAMBA: QUADRAS, PRAÇAS E TREM

Em Madureira podemos observar como a música negra se encontra diretamente relacionada a diversos espaços urbanos. Se ainda é mantido nos quintais das tias, em especial da Tia Doca (CASTRO, 2016), com suas feijoadas e rodas de samba, esse movimento é cada vez maior em direção às áreas públicas, ou de uso público, como as quadras das escolas de samba.



- |   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| 1 Quadra da escola de samba Portela         | 6 Viaduto de Madureira            |
| 2 Quadra da escola de samba Império Serrano | 7 Estação de trem de Madureira    |
| 3 Parque de Madureira                       | 8 Estação de trem de Oswaldo Cruz |
| 4 Casa do Jongo da Serrinha                 | 9 Feira dos Yabás                 |
| 5 Grupo cultural Jongo da Serrinha          | 10 Quintal da casa da Tia Doca    |

Figura 2: Mapa de Madureira com os locais relacionados à presença musical negra  
Fonte: LAURBAM, 2018



O samba por essência é um dos maiores legados da cultura afro-brasileira. Os dois exemplos mais importantes da presença do samba no bairro são a Portela e o Império Serrano. Uma das mais tradicionais escolas da cidade, a Portela foi fundada em 1923 a partir de um bloco carnavalesco (CABRAL, 2011; LOPES, 2012), sendo uma das mais antigas da cidade.

Mas além do samba, cada vez mais um espetáculo que pode ser constatado de maneira clara na quadra da Portela, em que uma arquitetura cernizada tem clara referência ao que se espera como exemplo de um espaço do samba, como uma fachadas imitando uma cidade-colonial, em um espaço que busca de alguma maneira trazer o espírito de épocas passadas, mostrando talvez a tradição da escola representada por uma arquitetura que seria a melhor representação da tradição cultural do Brasil, através de sua arquitetura colonial. Assim a Portela tem um espaço em que além de shows e ensaios suas feijoadas mantém a tradição gastronômica dessa cultura forjada no Brasil a partir de suas raízes africanas, mercantilizando a cultura local tradicional.



Figuras 3 e 4: Fachada e interior da quadra da Portela, 2013  
Fonte: Fotos do autor

A outra escola de samba famosa do bairro, a Império Serrano, mesmo localizada em área mais central, junto à estação de trem do Mercado, mantém a tradicional estrutura do galpão, tendo condições financeiras mais modestas, e dessa maneira não podendo criar espaços mais sofisticados para sua promoção. Fundada no Morro da Serrinha em 1947 (LOPES, 2012), a Império Serrano se localiza hoje em área bastante central do bairro, mantendo seus bailes e ensaios dessa maneira bastante integrados ao bairro e aos seus moradores. Mesmo que nominalmente ligados aos morros locais, tanto a Portela como o Império Serrano passaram a se situar no meio do bairro, em posição de destaque urbano, buscando ampliar o número de frequentadores de suas atividades musicais, sociais e culturais.



Figura 5: Quadra do Império Serrano

Fonte: pt.wikipedia.org

Ao lado das quadras das escolas, o samba de Madureira ainda sobrevive no espaço público através de eventos como a Feira das Yabás<sup>6</sup> (MADUREIRA DE PINHO, 2014). As redes de sociabilidade do samba que envolvem as famílias, como diz Santos (2016), sobrevivem não somente nos quintais mas também em festas que foram surgindo no bairro, ligadas às tradições afro-brasileiras, como é o caso desse evento que acontece no segundo final de semana de cada mês, sempre aos domingos, na Praça Paulo da Portela. Trata-se de uma feira gastronômica com culinária preparada pelas matriarcas de Madureira, e que também tem uma roda de samba importante, com artistas de peso locais. De acordo com Gonçalves (2016) essa feira resgata as tradições de um Rio de Janeiro colonial, como nas gravuras de Debret, em que se viam mulheres negras vendendo quitutes pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

A relação com as associações religiosas, candomblés e escolas de samba mostram essas redes de memória (GONÇALVES, 2016), mantendo e expondo a cultura afro-brasileira que por tanto tempo se manteve escondida e que saiu dos quintais para as praças, mesmo que ainda como um evento temporário. A importância dos saberes e fazeres têm sido alvo de um olhar do patrimônio, que em 2004 reconheceu esse fazeres e saberes com o tombamento do acarajé (GONÇALVES 2016). A feira foi idealizada por Marquinhos de Oswaldo Cruz, e desde 2008 vem se realizando, trazendo elementos importantes como a liderança feminina, o culto aos orixás, a feijoada da Portela, o samba a religiosidade e a festa como um lugar de encontros e preservação da memória das pessoas. Mais recentemente,

---

<sup>6</sup> De acordo com Gonçalves o termo Yabás tem dois sentidos, O primeiro se refere aos orixás femininos e o segundo às atividades de cozinheiras. Dessa maneira se refere às quituteiras locais, com relação à famílias da região, que preservam essa gastronomia afro-brasileira.

em 2012 a feira foi reconhecida pela prefeitura, com a concessão de alvarás de funcionamento às cozinheiras, passando a apoiar e patrocinar o evento (GONÇALVES, 2016).

Além desses espaços específicos e privados, o samba ganhou um espaço público mais sofisticado, em que o poder público buscou a tradição cultural local como motivo para que um novo espaço construído fosse apropriado com maior intensidade pelo público: o grande palco do Parque de Madureira. A construção de uma grande praça de eventos, com um palco de grandes dimensões trouxe o incentivo governamental para o samba local. Essa ideia é reforçada ao se verificar a colocação dos emblemas das duas escolas de samba ao fundo do palco, mostrando de maneira simbólica a importância do samba em Madureira, e a apropriação do poder público dessa imagem para uma obra que inaugurava em um contexto de mostrar a valorização dos subúrbios, em um momento de obras olímpicas em toda a cidade. Ao trazer o samba e sua mais perfeita tradução, com duas tradicionais escolas, o Parque buscou se aproximar da cultura local, e criar um espaço de apresentação de grandes atrações musicais, e um espaço de lazer reforçado pela presença de bares em torno dessa área do parque.



Figura 6: Praça de Eventos do Parque de Madureira  
Fonte: Foto do Autor, 2016

Outro evento ligando o samba a novos espaços foi a criação do Trem do Samba, ou Pagode do Trem, que Marquinhos de Oswaldo Cruz, famoso sambista carioca, criou em 1995. O evento é realizado anualmente no dia 2 de dezembro, celebrado como o dia nacional do samba, e que a partir de uma parceria com a Supervia, concessionária dos serviços de trens metropolitanos da cidade do Rio de Janeiro, utiliza uma composição de trem partindo da Estação Pedro II, no centro do Rio, em direção a Madureira e Oswaldo Cruz, com sambistas em seu interior, tocando e dançando, com forte apelo popular e turístico (LOPES, 2012).

Se por um lado o samba está cada vez mais ligado ao grande espetáculo, a conscientização de que o bairro de Madureira junto com Oswaldo Cruz tem uma forte relação com sua origem fez com que em 2011 fosse criada Lei Municipal<sup>7</sup> denominando a área como “Bairro temático do Samba”, e declarando a área como de interesse turístico – AEIT (Área Especial de Interesse turístico), mostrando seu potencial e algum interesse na preservação de seu patrimônio imaterial (CID, 2016).

## JONGO, ANCESTRALIDADE, O ESPAÇO PROJETADO E A CIDADE

O jongo tem sido preservado no Morro da Serrinha, na área de Madureira através dos moradores dali. Dança trazida da África para o Brasil, como nos fala Cabral (2011) e Lopes (2012), foi bastante difundida no estado do Rio de Janeiro a partir da presença escrava no Vale do Paraíba, de onde vieram muitos moradores de Madureira (jongodaserrinha.org, 2017). Ao lado da manutenção das danças no próprio morro, foi criada há mais de 50 anos uma associação dos moradores visando a preservação do jongo. Sem a popularidade e apelo comercial do samba, o jongo sobrevive pela persistência e sentimento de identidade que ele criou na comunidade da serrinha.

Cid (2016) mostra como os subúrbios preservam esses lugares de memória da cultura popular, com os relatos das antigas moradoras, como também ocorre no Morro da Serrinha, com Vovó Maria Joana, ajuda a preservar para os novos as antigas tradições orais, e como ali o jongo passou a ser transmitido e valorizado a partir desse movimento, com o surgimento de locais destinados à preservação do patrimônio imaterial da cidade.

A Casa do Jongo da Serrinha é um espaço criado com o apoio público<sup>8</sup> em 29 de novembro de 2015 (<http://www.pontaojongo.uff.br>, 2016) e gerenciado pela comunidade. Nela acontecem atividades como apresentações artísticas, com rodas de samba e jongo semanais, com convidados se juntando ao jongo da serrinha. Nela ainda ocorrem sessões de cinema e oficinas culturais, com aulas de cavaquinho, canto, jongo, cultura popular, percussão, artes plásticas, iniciação musical, oficina de memória e leitura para cerca de 400 crianças, além de exposições e da existência de biblioteca (jongodaserrinha.org, 2017), como um grande centro cultural e social, ligado à música, mas extrapolando essa questão.

A Casa do Jongo ficou fechada por um período, por problemas financeiros, reabrindo em março de 2018 ([www.facebook.com/casadojongo](http://www.facebook.com/casadojongo), 2018). Além disso, vem organizando atividades na rua, em áreas mais centrais de Madureira, como vêm ocorrendo em dias de semana embaixo do viaduto de Madureira, local de diversas manifestações do bairro, e que reforça a apropriação das áreas públicas pelas atividades culturais e que tornam mais próxima de todos o jongo, em um processo de afirmação dessa tradição do bairro.

---

<sup>7</sup> Lei nº 5309, de 31 de outubro de 2011.

<sup>8</sup> De acordo com o site jongodaserrinha.org (2017) são patrocinadores a Prefeitura do Rio de Janeiro, a TV Globo e a Fundação Banco do Brasil, através de leis de incentivo fiscal





Figura 7: Interior da Casa do Jongo da Serrinha, 2015.

Fonte: <http://www.pontaojongo.uff.br>, 2016

## NOVOS RUMOS MUSICAIS: FUNK, CHARME E PASSINHO

Mesmo tendo uma origem norte americana, o funk e o charme<sup>9</sup> (LOPES, 2012) vem se consolidando como manifestações de forte apelo entre os moradores dos subúrbios e periferias, e o funk carioca vem sendo apropriado pelas mídias, com forte apelo comercial. O passinho e outras manifestações são parte dessa apropriação, vinculada ao *street dance* (MADUREIRA DE PINHO, 2014).

São expressões vinculadas à rua, e não à toa encontraram em Madureira um de seus mais importantes espaços no baile que ocorre embaixo do viaduto de Madureira. Esse espaço tem importante presença no cenário cultural do bairro. Além de música ali são realizados eventos sociais e esportivos. Criado em 2000 através de lei municipal, o Espaço Cultural do Charme foi criado por integrantes do bloco Carnavalesco Pagodão de Madureira, que existe desde 1990 (VIADUTO DE MADUREIRA, 2016; MADUREIRA DE PINHO, 2014). Em um site de divulgação são apresentados eventos de charme e hip hop ali indicando que é um dos mais antigos bailes do Rio de Janeiro, e que seus DJs são os melhores 'do cenário Black carioca', em uma afirmação da presença negra ali. De acordo com o site os bailes ocorrem todos os sábados, e que ainda são oferecidas oficinas do Projeto Rio Charme Social (VIADUTO DE MADUREIRA, 2016).

A associação direta entre o grupo de samba que criou o movimento e essas novas expressões musicais ligadas à cultura negra reforça a ideia de uma participação efetiva de moradores nesse processo de apropriação de espaços públicos por grupos coletivos, como

---

<sup>9</sup> Charme em termos musicais ou baile charme são nomes dados a um tipo de festa onde se toca música negra, sobretudo o R&B contemporâneo. A presença de outras vertentes musicais como o funk e hip-hop é parte dessa presença da música negra.

foi o caso do viaduto de Madureira por essas atividades ligadas ao que eles mesmos chamam de cenário *Black carioca*, aludindo ainda à influência norte americana pelo uso do inglês na denominação do movimento.

O passinho também é uma expressão musical ligado às coreografias que os jovens faziam em bailes funk nas favelas, e que a partir da divulgação no *Youtube* em 2008 passaram a ganhar espaço. Foram então criadas Batalhas do Passinho, levando o que era virtual para espaços da cidade. Assim ocorreu em 2013 um grande encontro no Parque de Madureira com um público de 48.000 pessoas, e o passinho passou a ser exibido em diversos programas de televisão com grande audiência, confirmando seu caráter popular (MADUREIRA DE PINHO, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Madureira reforça a importância da presença negra na cultura brasileira, e mostra que mesmo por muitas vezes pouco valorizada fora dos limites do bairro e das áreas suburbanas, trata-se de uma região muito rica culturalmente. A presença de uma cultura musical se destaca, a partir da importância que o samba tem no Rio de Janeiro, com destaque para seu apelo turístico, mas que é pouco associado às suas áreas de criação, sempre relacionadas ao grande desfile das escolas de samba ou aos novos galpões criados na área portuária, em que com a justificativa de se organizar a criação artística das escolas na verdade se está desterritorializando o trabalho artesanal da confecção dos desfiles. Não à toa esse processo de afastamento da samba das escolas de suas áreas originais se repete, desde que mesmo com a criação das escolas de samba nos subúrbios, nunca foi sequer questionado que os desfiles seriam nas áreas centrais da cidade, inicialmente com razão na Praça Onze, mas posteriormente deixando a população que participa desses escolas cada vez mais distante dos desfiles.

Mas os subúrbios reagem, e Madureira se mostra potente em relação não somente ao resgate do jongo da Serrinha, como trazendo novas expressões musicais, como o charme e o funk, gerando novas culturas que se espalham e são cada vez mais absorvidas pelo mercado ávido por consumir o que é novo.

O artigo mostra como as rodas de samba dos quintais das “tias” e as escolas de samba, mesmo saindo dos morros, fincam raízes no bairro, com suas quadras, mesmo sendo um espaço privado, e não as ruas, onde estariam livres e não controlariam o consumo de suas imagens, como produtos nessa sociedade de consumo em que vivemos. Se temos de um lado a Feira das Yabás, que mantem a presença das mulheres e de sua gastronomia em espaços públicos, sempre ligadas à música, como o samba, a presença no espaço público acaba sendo também muito importante no Parque de Madureira, em que estão representadas pelos seus emblemas no grande palco da praça de eventos daquele novo símbolo da cidade, agora o maior parque da região suburbana. Nesse mesmo espaço do Parque vem ocorrendo eventos musicais e de dança, com festivais como a Batalha do Passinho, mostrando a necessidade de espaços para a cultura.



O jongo por sua vez, talvez o representante mais original e ligado às raízes negras de nossa cultura que ainda sobrevive sem tantas interferências comerciais, e ao criar uma casa para se hospedar como importante centro social e cultural, também teve que se render à necessidade de não mais estar independente, nas vielas do morro da Serrinha, mas se estabelecer em um lugar bancado por patrocinadores públicos, mas que podem deixar morrer o projeto, como ocorreu durante período em que a prefeitura do Rio de Janeiro deixou de ajudar no seu sustento, em um período de 2018.

Talvez a maior liberdade que se encontra nessa apropriação dos espaços públicos ou privados da música negra em Madureira seja o exemplo da apropriação realizada sob o viaduto de Madureira. Palco de bailes de charme, funk, e hip-hop, essa áreas residual da cidade se tornou um grande espaço de encontros, das pessoas, das culturas e das manifestações da *Black Music*, ou música negra, em que língua for, continua com suas raízes africanas, em qualquer das Américas, criando um ela universal, que o Brasil pode perceber como uma forte contribuição dos subúrbios para uma renovação de sua cultura popular, com um forte componente de apropriação dos espaços públicos nesse processo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, 2006. [1987]

BENCHIMOL, Jaime Larry, Pereira Passos; um Haussman tropical. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

CABRAL, Sergio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 1.ed. São Paulo: Lazuli Editora: Companhia Editora Nacional, 2011.

CASA DO JONGO. Disponível em: <[www.facebook.com/casadojongo/](http://www.facebook.com/casadojongo/)>, 2018. Acesso em 04 de outubro de 2018.

CASTRO, Maurício Barros de. *As tias cariocas e os quintais da Grande Madureira* a construção de um “berço do samba”. In SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (org). *Nos quintais do samba da Grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e de hoje*. São Paulo: Olhares, 2016, pp. 42-49.

CAVALCANTI, Nireu. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

CID, Gabriel da Silva Vidal. *Memória e patrimônio cultural na região da Grande Madureira*. In SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (org). *Nos quintais do samba da Grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e de hoje*. São Paulo: Olhares, 2016, pp. 58-67.

CORRÊA, Armando Magalhães. *O sertão carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2017

DUARTE, Ronaldo Goulart. Madureira sob a ótica dos transportes públicos e da acessibilidade: uma contribuição para a geografia histórica do espaço suburbano carioca. In ABREU, Maurício de Almeida. (org) *Rio de Janeiro: formas, movimentos, representações: estudos da geografia carioca*. Rio de Janeiro: Da Fonseca Comunicação, 2005, pp. 202-225.

EL-KAREH, Almir Chaiban. Quando os subúrbios eram arrabaldes: um passeio pelo Rio de Janeiro e seus arrabaldes no século XIX. In OLIVEIRA, Marcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF. 2010.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. A feira das Yabás: mulheres negras abençoadas pelos orixás femininos. In SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (org). Nos quintais do samba da Grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e de hoje. São Paulo: Olhares, 2016, pp. 50-57.

JONGO DA SERRINHA. Disponível em [jogodaserrinha.org](http://jogodaserrinha.org), 2017. Acesso em 04 de outubro de 2018.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003

LOPES, Nei. *Dicionário da Hinterlândia Carioca: antigos "subúrbio" e "zona rural"*. Rio de Janeiro: Palla, 2012.

MADUREIRA DE PINHO, Ana Lúcia (org.). *Um Guia sobre a cultura do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Diadorim Ideias, 2014.

OLIVEIRA, Marcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF. 2010.

PERROTTA, Isabella. *Promenades do Rio: a turistificação da cidade pelos guias de turismo de 1873 a 1939*. Rio de Janeiro: Hybris Design, 2015.

PONTÃO DE CULTURA JONGO – CAXAMBU. Disponível em <http://www.pontaojongo.uff.br>, 2016. Acesso em 04 de outubro de 2018.

PORTALGEO. Disponível em <http://portalgeo.rio.rj.gov.br>, 2016. Acesso em 04 de outubro de 2018.

ROLÉ CARIOCA. Disponível em <http://www.rolecarioca.com.br/roteiro/15/madureira.html> > 2017. Acesso em 13 de abril de 2018

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (org). Nos quintais do samba da Grande Madureira: memória, história e imagens de ontem e de hoje. São Paulo: Olhares, 2016.

VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIADUTO DE MADUREIRA. Disponível em  
<<http://viadutodemadureira.com.br/2016/>>. Acesso em 04 de outubro de 2018.

VISIT.RIO MAGAZINE. Ano II, n.13, janeiro 2017. Rio de Janeiro: Riotur, 2017.